

tentar a curiosidade de muitos Freuds. Não acha que tenho razão?

Foi então que Porfírio, desapontado, balanceou a cabeça e retrucou vencido:

— Sou doutrinador de espíritos sofredores há mais de vinte anos, mas, francamente, ainda não havia pensado nisto.

XXVI

A PROTEÇÃO DE SANTO ANTÔNIO

Conta-nos venerando amigo que Antônio de Pádua, no luminoso domicílio do Plano Superior, onde trabalha na extensão da Glória Divina, continuamente recebia preces de pequena família dos montes italianos. Todos os dias, era instado a prestar socorros e enlevava-se com as incessantes manifestações de tamanha fé.

O admirável taumaturgo, por vezes, nas poucas horas de lazer, recreava-se anotando o registro dos petítórios, procedentes daquele reduzido núcleo familiar. Sorria, encantado, relacionando-lhe as solicitações. O grupinho devoto suplicava-lhe a concessão das melhores coisas. Lembrava-lhe o nome, a propósito de tudo. Nas enxaquecas dos donos da casa. Nos sonhos das filhas casadouras. Nos desatinos do rapaz. Nos sapatos das crianças.

O santo achava curiosa a repetição das rogativas. Variavam de trimestre a trimestre, repetindo-se, porém, cronologicamente. Assim é que determinava aos colaboradores o fornecimento de recursos sempre iguais, de conformidade com as estações. Dinheiro e utilidades, socorro e medicação, alegria e reconforto.

Reproduziam-se os votos, na atividade rotineira, quando Santo Antônio reparando, mais detidamente, as notas de que dispunha, verificou, surpreso, que aquele punhado de crentes confiantes não apresentara, ainda, nem um só pedido de trabalho. O protetor generoso meditou, apreensivo, e como a devoção continuasse, fresca e ingênua, por parte dos beneficiários, deliberou visitá-os pessoalmente.

Expediu aviso prévio e desceu, no dia marcado, para verificações diretas. Desejava inteirar-se de quanto ocorria.

De posse da notificação, Celestino, inteligente cooperador espiritual dele, veio esperá-lo, não longe da residência humilde dos camponeses.

O Iluminado solicitou notícias e o companheiro de boas obras respondeu, respeitoso:

— Em breve, sabereis tudo.

Com efeito, daí a momentos, penetravam em pequeno recinto rural. Uma casa antiga, um jardim abandonado, um quintal escarpado entregue ao mato inútil e um telheiro a ruir, fingindo estábulo, onde uma vaca remoía a última refeição.

Entraram.

Na sala, em trajes domingueiros de regresso da missa, um casal de velhos ouvia a conversação dos filhos, um jovem robusto, duas moças casadeiras e duas crianças.

Santo Antônio abençoou o quadro doméstico, observando que a sua efígie era guardada carinhosamente por todos. As impressões verbais eram intercaladas de louvores ao seu nome. De instante a instante, assinalava-se o estribilho:

— Graças a Santo Antônio!

Voltando-se para o cooperador atento, o prestigioso amigo celeste pediu esclarecimentos quanto aos serviços do grupo. Foi informado, então, de que nenhum dos membros daquela comunidade possuía trabalho certo, convenientemente remunerado. Celestino, aliás, terminou sem circunlóquios:

— O pessoal gira em torno de uma vaca, que torno participante de vossas bênçãos.

— Como? — indagou o santo, admirado.

— O pai, que se diz doente, angaria capim, de modo a alimentá-la. As jovens ordenham-na duas vezes por dia. O rapaz conduz o leite à vila para vender. Bolinha, a vaca protetora, sai do quintal somente cinco dias por ano, quando passeia junto a rebanho próximo. E' obrigada a fornecer

seis a oito litros de leite, em média diária, e um bezerro anualmente. A dona da casa envolve-a em atmosfera de doce agasalho e os meninos escovam-na, cuidadosamente. Apesar disso, porém, vive abatida, entre as cercas do escarpado curral. Sabendo nós quanto amor consagrais a esta granja, repartimos com a humilde vaquinha as dádivas incessantes que vossa generosidade nos envia. Desse modo, garantimos-lhe a saúde e o bem-estar, porquanto, se a produção dela cair, que sucederá aos vossos des preocupados devotos? Bolinha é tudo o que lhes garante o pão e a vestimenta de hoje e de amanhã.

Antônio dirigiu-se ao estábulo, pensativo...

Acariciou o animal heróico e voltou ao interior.

Na palestra íntima, animada, ouvia-se, de momento a momento:

— Louvado seja Santo Antônio!

— Viva Santo Antônio!

— Santo Antônio rogará por nós!

De permeio, sobravam queixas do mundo.

O advogado celestial, algo triste, convidou o companheiro a retirar-se e acrescentou:

— Auxiliemos positivamente esta família tão infeliz.

Celestino seguiu-lhe os passos, sem dizer palavra.

Antônio acercou-se da vaca, levantou-a, e sem que Bolinha percebesse guiou-a para o alto, de onde se contemplava enorme precipício. Do cimo, o santo ajudou-a a projetar-se rampa abaixo. Em breves segundos, a vaca não mais pertencia ao rol dos animais vivos na Terra.

Ante o colaborador assombrado, explicou-se o taumaturgo:

— Muitas vezes, para bem amparar, é imprescindível retirar as escoras.

E voltou para o céu.

Do dia seguinte em diante, as orações estavam modificadas. Os camponeses fizeram solicitação ge-

ral de serviço e, com o trabalho digno e construtivo de cada um, a prosperidade legítima lhes renovou o lar, carregando-lhes paz, confiança e júbilos sem fim...

Quantos Benfeitores Espirituais são diàriamente compelidos a imitar, no mundo dos homens encarnados, a proteção de Santo Antônio?

XXVII

TUDO RELATIVO

Quando o espírito comunicante, cheio de boa vontade, se referiu ao domicílio na vida extra-física, Rafael, um irmão que se caracterizava pelos primores da inteligência, objetou, mordaz:

— Casas no Além? que contra-senso!...

O mensageiro, não obstante desapontado, registou impressões da vida social no "outro mundo". Então, o mesmo cavalheiro ironizou sem pestanejar:

— Ora esta! sociólogos além-túmulo? era o que nos faltava.

O emissário não desanimou. Aludiu aos jardins que lhe cercavam a residência.

— Que é isso? — indagou o investigador que apreciava os sarcasmos sem fim — serão os vasos suspensos de Semíramis? qual! Tudo mera ilusão!... Depois de nossas roseiras espinhosas e de nossos adubos desagradáveis, não há canteiros de fluidos.

A entidade perseverante reportou-se aos institutos de ensino que frequentava. No entanto, o mau obreiro deu-se pressa em considerar:

— Se os "mortos" estiverem sujeitos à luta estudantil, estamos francamente perdidos.

O comunicante não desistiu. Passou a dizer da expectativa sublime que alimentava, aguardando a esposa querida, além do sepulcro. O companheiro irreverente, entretanto, fez-se ouvir na mesma inflexão de zombaria:

— Deliciosa mentira! onde já se viu casamento na esfera das almas?

O portador da mensagem não desfaleceu. Comentou os problemas do corpo sutil que lhe servia,